

Limpeza antimifo
Herdeando uma biblioteca
Herdeando uma biblioteca II
Peregrinação pelas livrarias
Colecionando livros
Herdeando uma biblioteca III
Instruções para meu arquiteto
Da arte de apoiar o lápis
Lecturas mecânicas
Comando livros
O capital tempo
Teoria da amizade
Virgíndales
Lecturas em trânsito
Pequeno dicionário de títulos
Aprender com o corpo
Formato leve
Bibliotecas promissoras
Colecionar livros
Fórmula de ler jornais
Vende-se uma casa
A biblioteca afetiva do cético
A biblioteca dos livros únicos
Bibliotecas e egoteca
A assinatura como autobiografia
Ganha-se e perde-se leitores
Os iracundos da biblioteca
Mudando a biblioteca
Cem livros que eu gostaria de ter escrito
Prateleira

Sumário

<i>Limpeza Antimofo</i>	11
Herdando uma Biblioteca I	13
Herdando uma Biblioteca II	19
Peregrinação pelas Livrarias	25
O Carteiro e o Leitor	31
Herdando uma Biblioteca III	37
Instruções para Meu Arquiteto	43
Da arte de Apontar Lápis	49
Letras Mecânicas	55
Queimando Livros	61
O Capital Tempo	67
Teoria da Amizade	73
Virgindades	81
Lendo em Trânsito	87
Pequeno Dicionário de Títulos	93
Aprender com o Corpo	101
Formato Leve	107
Bibliotecas Promíscuas	113
Colecionar Livros	119

Da Arte de Ler Jornais	125
Vende-se uma Casa	131
A Biblioteca Afetiva do Crítico	137
A Biblioteca dos Livros Únicos	143
Egoteca	147
A Assinatura como Autobiografia	153
Ganhar e Perder Marcadores	159
Os Inimigos da Biblioteca	163
Mudando a Biblioteca	173
Cem Livros que Eu Gostaria de Ter Escrito	177
<i>Prateleira</i>	185

Limpeza Antimofo

Esta segunda edição de *Herdando uma Biblioteca* é praticamente um outro livro, pois acrescentei ao conjunto inicial as oito crônicas finais. Fora o texto “A Biblioteca Afetiva do Crítico”, produzido anos atrás para um jornal, todos os demais foram escritos para figurar nesta obra. Não se trata, portanto, de uma reunião de crônicas dispersas, mas de um projeto com uma unidade temática glosada em pequenos núcleos que se relacionam entre si.

A parte original sofreu várias mudanças, principalmente nos tempos verbais. Falava de amigos no presente, mas a morte de muitos deles me obrigou a usar o pretérito. Mudei opiniões, revi conceitos e arranjei melhor as frases, como quem limpa a casa para receber visitas. Esta é uma casa que ficou fechada por mais de dez anos.

No final, listei cem livros que admiro, numa espécie de resumo de minha biblioteca de contemporâneos e num programa estético.

Vá me desculpando o leitor se, em um canto ou outro, ainda persiste algum cheiro de mofo.

Herdando uma Biblioteca I

Os primeiros livros que tive nas mãos foram os escolares, o que não chega a ser grande novidade para quem passou a infância no interior do Paraná, região onde importava menos participar da cultura universal do que desbravar uma terra que não dava descanso aos homens. Livro não era artigo muito comum na Peabiru dos anos 1970 e muito menos em minha família, com forte tendência para a vida prática. Analfabeto, meu pai não poderia ter me legado nenhum livro, e morreu antes de eu entrar na escola. Meu padrasto, comerciante pobre e extremamente apegado ao dinheiro, com o primário incompleto, tinha uma relação meramente monetária com o papel.

Para ele, não podíamos fazer mais do que as tarefas escolares em nossos cadernos, cujas folhas numeradas sofriam periódicas inspeções. Os livros didáticos também passavam por seu controle, e ele não admitia rasuras. Talvez por minha incorrigível vocação para o confronto, resolvi enfrentar as iras do censor e fiz um desenho obsceno no livro de Ciências, motivado provavelmente pelas imagens

nada atraentes, mas reveladoras, do aparelho reprodutor feminino. Fui descoberto e tive que apagar aqueles traços à tinta, molhando o lado duro da borracha e apertando-a contra a folha.

Livros, para nós, eram instrumentos sagrados de aprendizagem, território em que o prazer não podia se manifestar, nem nas linhas ingênuas de um menino querendo soletrar as belezas do sexo oposto.

E eles não nos pertenciam.

No final do ano, quando os professores irresponsavelmente nos aprovavam, os manuais iam para as mãos de outros alunos, parentes e amigos, que estavam na série abaixo da nossa. Sentados na velha escrivaninha da sala ou na mesa da cozinha, apagávamos todas as lições, agora com a parte clara e macia da borracha, deixando o livro pronto para quem na sequência fosse usá-lo. Não gostava desse serviço, mas era bom receber livros que tinham sobrevivido a dois ou três anos escolares. Por mais bem apagados que estivessem, ficava sempre fácil decodificar a senda das letras no papel. No começo do ano, tínhamos que apresentar para a professora estes didáticos de segunda mão, que possibilitavam outra esperteza. Alguns vinham ainda preenchidos e então apagávamos apenas as primeiras lições, mostrando-as para a professora, que percorria as carteiras, olhar de coruja cansada, sem força e disposição para dobrar a coluna e perder tempo folheando o volume inteiro.

Fim de ano, para mim, era jogar fora meu esforço de aprendizagem, como se tudo não tivesse valor, como se fosse algo descartável. Talvez por isso eu tenha adquirido um preconceito e um hábito: ser contra o saber provisório da escola e banir de minha agenda, anualmente, os nomes das pessoas com quem não me relaciono mais, preparando-me para o novo adventício.

Na hora de fazer desaparecer o trabalho de todo um ano, eu, sempre irritadiço, reclamava. Meu padrasto, num exercício de memória, que era para me tornar humilde, lembrava ter passado os anos de primário com os dois únicos cadernos que comprou, com seu dinheiro de engraxate, ao entrar na escola. Não usava caneta e, quando não havia mais páginas em branco, apagava tudo.

Talvez tenha abandonado a escola pelo fato de os cadernos começarem a se desmanchar.

Ele me contava isso, mas eu não tinha nenhuma crise de humildade. Apenas preguiça de fazer a limpeza dos livros.

Com essa prática, ditada por uma visão utilitarista do material escolar, passei a infância em uma casa sem livros, sempre com a sensação de que eles não me pertenciam. O livro não era espaço em que podia ficar impressa minha marca de possuidor. E a escola acabou figurando, para mim, como lugar vazio e desimportante. Tudo que ela nos transmitia virava pozinho de borracha, sujo de grafite, no fim do ano.

Embora católicos, não tínhamos sequer uma bíblia, porque a religião, em casa, era exercida mais pelo terço. Certo vizinho, dono de uma sorveteria, percebeu esta pobreza de palavras e nos deu uma bíblia de capa preta, que passei a usar como oráculo.

Nos momentos de depressão (descendo de uma linhagem de angustiados), eu lia os versículos em busca de respostas para meus dramas. Fora da escola, era a única tarefa de leitura que exerci até os doze ou treze anos de idade, excetuando alguns minutos gastos com as matérias amareladas dos jornais destinados a embrulhar mercadoria no armazém do padraço.

A partir de meu contato com a biblioteca pública da cidade, formei-me leitor e, quando saí de casa, levei orgulhosamente algumas dezenas de livros comprados meio escondidos.

Já com uma biblioteca razoável, em 1999, eu estava procurando uma edição da bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida, por recomendação de Dalton Trevisan, que diz ser este um dos melhores estilos da língua. Como as edições correntes tinham sido adaptadas, abrandando a linguagem densa do tradutor, eu queria uma antiga. Pedi então para minha mãe ver com suas amigas protestantes se havia algum exemplar disponível. Ela tinha um em casa e me mandou.

Era a bíblia de minha infância, algumas de suas folhas sujas de terra vermelha. Minha vida só podia mesmo to-

mar vias transversas. Fui um católico que rezou sempre por uma tradução protestante.

Anos atrás, num momento difícil em que passei por complicações de saúde, me agarrei a esta bíblia (não tinha outra), e voltei a usá-la como uma sorte de I-Ching. Na espera de morosos diagnósticos, abri em pânico o volume para ver o que ele podia me dizer. Caiu no Salmo 91, que li, assustado:

Aquele que habita o esconderijo do Altíssimo, à sombra do onipotente descansará [...].

Porque ele te livrará do laço do passarinheiro, e da peste perniciosa [...].

Não temerá espanto noturno, nem seta que voe de dia.

Nem peste que ande na escuridão, nem mortandade que assale ao meio-dia.

Estas palavras me reconfortaram – eu me reencontrava com a religião da infância. Dias depois, em outra crise, usei o mesmo método. E caiu novamente no Salmo 91. Fechei e abri mais uma vez. Na mesma página.

Não era mensagem divina, mas algo mais bonito. Eu estava revivendo os desesperos de minha mãe. Ela, que até hoje não dorme direito, passava horas rezando este salmo e por isso a encadernação estava viciada. Ia dar sempre aquele número.

Mais do que um estilo ou uma crença, este exemplar da Bíblia Sagrada, traduzida em português por João Fer-

reira de Almeida, me ligava de forma definitiva à incerta tradição de leitura iniciada por minha mãe.

O volume simples e estropiado é a biblioteca familiar que herdei. Sei que não é muita coisa, mas quero continuar a corrente, legando-o para minha filha.